

CONHECIMENTOS NO COTIDIANO: SITUAÇÕES E ESTÓRIAS

Elizabeth B. Silva

Sociology, The Open University

ABSTRACT The author discusses antecedents and consequences of the construction of our knowledge categories for scientific practice and daily life. She argues that methodological and scientific criteria are not the only basis for electing what and what not matters in scientific knowledge. As an example of this, she analyses the existent tension between quantitative and qualitative methodologies as conventional techniques to obtain knowledge.

KEY WORDS Categories. Common life. Knowledge. Quantitative and qualitative methodologies.

RESUMEN La autora discute los antecedentes y consecuencias que tienen la construcción de nuestras categorías de conocimiento en la vida cotidiana y en la práctica científica. Mantiene que la elección de lo que es importante en el campo del conocimiento no es el resultado sólo de criterios metodológicos y científicos. Para mostrarlo, examina la tensión existente entre la metodología cuantitativa y la cualitativa como metodologías convencionales para obtener conocimiento.

PALABRAS CLAVE Categorías. Vida cotidiana. Conocimiento. Metodologías cuantitativa y cualitativa.

Introdução

Este texto tem origem numa palestra que fiz no Brasil em mesa redonda sobre «Ciência, Tecnologia e Gênero na IberoAmérica: problemas e propostas?». ¹ Procurando um engajamento específico com o tema, uma série de palavras saltou aos meus olhos:

Tecnologia	Cotidiano	Conhecimento
	Gênero	
Ciência	Futuro	Sociedade
IberoAmérica	América Latina	Propostas
	Problemas	

É claro que todas estas palavras estão cheias de significados. E quais eram eles para mim? Eu agrupei as palavras em conjuntos de significados e dei rótulos aos conjuntos:

Maneira	Localização	Localidade	Porque
do conhecer	do conhecer	do conhecer	do conhecer
Ciência	Gênero	IberoAmérica	Problemas
Conhecimento	Cotidiano	América Latina	Propostas
Tecnologia	Sociedade		Futuro

É muito possível que a leitora não concorde com o meu agrupamento ou com os meus rótulos, e que neste momento esteja pensando: «Mas, porque colocar gênero como «localização»? Ou como pode tecnologia ser uma «maneira» do conhecer?» Pode ser que o leitor esteja curioso sobre os rumos do meu argumento, ou que esteja fazendo qualquer outra inquirição, como por exemplo: «Qual é o ponto deste exercício?» A minha intenção é discutir as necessidades e as impli-

cações das construções de categorias para o conhecimento, e as relações que o ato de classificar tem com o ato de conhecer, tanto no cotidiano, quanto na prática científica.

Neste artigo eu discuto estas questões em três sessões. Eu inicio pela tensão corrente sobre o que constitui a melhor maneira de fazer ciência, invocando, a grosso modo, debates sobre duas formas convencionais de metodologia científica: quantitativa e qualitativa. Eu discuto a seguir as implicações dos «conhecimentos situacionados», assim como apresentado por Haraway (1988), e amplio esta discussão para o contexto latinoamericano. Na terceira sessão, eu endereço certas reflexões sobre «estórias do cotidiano e as maneiras de conhecer», centrando-me na vida de dia a dia das mulheres. Meu argumento é que a seleção do que é importante no campo do conhecimento não deriva exclusivamente de livre escolha de opinião, ou de critérios metodológicos e científicos. Escolhas e direções científicas estão inseridas em contextos coletivos e gerais complexos que dependem significativamente de posições individuais no cotidiano. Todavia, ao ressaltar a força do individual e do particular no coletivo, eu não deixo de perceber o outro lado da moeda: as limitações do individual no geral e coletivo. Para isto, eu chamo a atenção para o entendimento da relevância de políticas cotidianas que fortaleçam a agência das minorias e dos indivíduos. Minha preocupação central e com a vida cotidiana das mulheres e com as políticas e epistemologias feministas.

Tensões do conhecer

No início do século vinte e um eu acho muito difícil compreender a existência de concepções de ciência com objetivos de «neutralidade de valores» em busca de «verdades universais e objetivas» sobre natureza (e corpos) e matéria (e tecnologia). Felizmente eu penso num mundo onde estas idéias são constantemente desafiadas². Meus estudos se inserem na área de ciência e tecnologia no campo sócio-cultural, onde se assumem que existem fatores culturais, psicológicos, políticos e sociais que dão forma ao conhecimento científico. Eu também, felizmente, vivo num mundo onde se assume que as ideologias de gênero afetam o conhecimento. Mas é claro que existem tensões em todos estes aspectos do que é que afeta o conhecer: valores, culturas, sociedades, e condições materiais, entre outros. Por exemplo, a mudança no balanço de gênero numa comunidade científica específica não é suficiente para afetar a ideologia

de gênero, porque ter mais mulheres trabalhando num mesmo lugar, ou sobre um assunto em comum, não leva automaticamente ao entendimento de como as ideologias de gênero afetam a ciência. Até uma renomada cientista como Evelyn Fox Keller (1992) comenta que foi difícil para ela entender como a subjetividade de gênero podia afetar a ciência. Claramente isto não se refere exclusivamente a mulheres: é importante lembrar que homem também tem gênero. Numa reflexão paralela e pertinente, é importante também ressaltar que «branco» também é raça. Todavia, muitas vezes o masculino é tido como gênero universal e o branco é invisibilizado na problemática racial. A percepção de como os nossos (às vezes «invisíveis») valores, crenças e ideologias afetam o conhecimento científico –ou as maneiras de classificar– implica num desafio radical nas maneiras de fazer ciência.

Ann Oakley argumenta num livro recente (2000) que representações ideológicas de gênero encontram-se embutidas nas metodologias «quantitativas» e «qualitativas». Apesar de estudos qualitativos existirem na disciplina de sociologia desde a década de 1920, a «guerra» dos paradigmas foi enormemente energizada com o movimento feminista do final da década de 1960. O movimento feminista surgiu como um movimento social, alcançou e se difundiu na academia e veio a dizer muito sobre metodologia. Os primeiros textos feministas em ciências sociais apareceram no início da década de 1970. Nos estudos de ciência e tecnologia, o feminismo começou a marcar as discussões cerca de uma década mais tarde. Um aspecto central dos estudos iniciais era a discussão da dominação dos homens na academia. Este era um assunto quantitativo: haviam e ainda há, muito mais homens em posições de mando, em postos de senioridade na academia. Por exemplo, na conferência na qual eu apresentei as ideias iniciais deste artigo, haviam 6 mesas redondas, 3 delas tinham apenas homens, 2 mesas redondas tinham uma mulher em cada uma, e outra mesa redonda, sobre gênero, tinha 4 mulheres. Ao todo, havia 19 conferencistas nas 6 mesas redondas, entre estes, 6 eram mulheres (menos de 1/3). Mas a distribuição de gênero, com participação diminuta de mulheres, também era no início da década de 1970 um assunto qualitativo, uma questão de perspectiva: como e que os homens davam –e dão– forma ao conteúdo das matérias acadêmicas e as maneiras de conhecer? Como ilustração, na conferência que tomo como exemplo, a discussão de gênero aparecia isolada dos demais temas e competindo em horário e interesse com outra discussão prominente. E isto aconteceu na progressista Uni-

versidade de Campinas, no sul do Brasil, já no século vinte e um. Nos estudos acadêmicos feministas iniciais ressaltava-se que as experiências e as vozes das mulheres estavam ausentes, ou eram diminuídas, ou vistas como inapropriadas, ou eram distorcidas. Argumentos contra o «quantitativo» eram acompanhados pela celebração da alternativa «qualitativa». Este dualismo, todavia, designava processos culturais profundos, indo muito além de uma questão sobre metodologias científicas.

A tabela 1 apresenta o conteúdo básico desse dualismo. Em termos de abordagem de pesquisa e de posição da pesquisadora, ou do pesquisador, os métodos podem ser sintetizados assim: Pensemos na ideia de que existe um mundo para ser conhecido. Isto implica na ideia do conhecedor. O conhecedor e o «expert», o conhecido e o objeto do conhecimento de alguém, ao invés de ser objeto do seu próprio conhecimento. E neste contexto que entra a questão do poder. O conhecimento especializado (do «expert») significa uma hierarquia de relações de poder.

TABELA 1: A «Guerra» dos Paradigmas

	«Quantitativo»	«Qualitativo»
Objetivos	Testar hipóteses/ generalização Verificar	Generar hipóteses/ descrever Descobrir
Abordagem	De cima para baixo	De baixo para cima
Estratégia	Estruturada	Desestruturada
Métodos	Contar Medir Controle de casos Recordes estatísticos Observação estruturada	Observação participante Entrevista em profundidade Pesquisa de ação Estudos de caso Estórias de vida
Posição da pesquisadora / do pesquisador	De fora	De dentro
Valores	Sem valores	Envolvimento
Análise de dados	Especificada com antecedência	Desenvolvimento durante o estudo
Fonte da teoria	Definida a priori	Estabelecida em relação ao caso
Produto da pesquisa	Enfatiza <i>validade</i> dos resultados para a comunidade intelectual	Enfatiza a <i>significância</i> dos resultados para a comunidade intelectual e as comunidades de usuários/as

Fonte: Baseada em Oakley, 2000, Tabela 2.1



Como e que esta posição do conhecedor separado do «objeto» de conhecimento difere de posições feministas?

Posicoes feministas divergem sobre uma serie de questoes, mas e possivel se afirmar que feminismo e democratico. Existe em feminismo uma noção implicita de obrigação moral de tratar os outros como se gostaria de ser tratada. Mas ai existe um problema. Existe sempre uma relação de poder entre a pesquisadora e participantes. (Eu quero fazer notar que eu falo de participantes, não de «sujeitos».) O enfrentamento desta questao do poder na relação de pesquisa e fundamental. Oakley (2000), por exemplo, assume que a guerra entre os paradigmas e não mais do que uma outra forma de guerra entre os sexos. A dicotomia funciona como «descrições de gênero de maneiras de conhecer». Ela argumenta, e eu concordo, que em realidade, pesquisadoras «qualitativas» fazem consideravel uso de quantificação e, por exemplo, usam expressões como «a maioria», «todos», «algumas», «frequentemente» e por ai afora. A oposição não e sobre praticas reais de pesquisa. A oposição e sobre teorias do que e o conhecimento.

Assim, o metodo «quantitativo» permanece sendo a tradição mais forte e e menos frequente ver-se pesquisadores nesta tradição defenderem o que fazem. Entao, porque e que o paradigma «qualitativo» tem mais problemas em se fazer ouvir? Por um lado, isto advem da estoria da re-emergencia dos estudos «qualitativos» ligados a questoes de gênero dentro do movimento feminista, como eu me referi acima. Por outro lado, isto tambem advem de um processo de fragmentação das teorias totalizadoras que fizeram parte do projeto de modernidade. E e claro que o feminismo e um elemento crucial desta fragmentação teorica corrente.

Bruno Latour (1994) menciona o processo de purificação almejado pelo processo de modernização – a criação de categorias «puras» dualistas de humano/não-humano, socio-cultural/natureza, dentro de um mundo baguncado, numa realidade cheia de formas hibridas. Ele argumenta que em verdade, o hibrido e a norma: não existem objetos naturais puros, sujeitos humanos puros ou relações sociais puras. Entao uma politica de identidade «pura» não e possivel. Exis-

te uma infinidade de agentes que não se encaixam nas categoria puras descritas para elas, ou para eles. A mulher do terceiro mundo, por exemplo, compreende varios tipos de mulheres: negra, branca, educada, rica, pobre, prostituta, solteira, favelada, mae, empregada domestica, executiva, etc.

Na atividade de pesquisadora, como se pode dar conta dos pontos de vista diferentes? Como se pode expressar os pontos de vistas dos varios pesquisadores e dos varios grupos, ou pessoas, participantes na pesquisa? Como se pode compreender, relatar e refletir sobre os interesses diversos em relação aos resultados das empreitadas scientificas?

Uma maneira de dar conta disto refere-se a questao dos conhecimentos situacionados.

Conhecimentos situacionados: implicacoes gerais

A noção de conhecimentos situacionados, conforme Haraway (1988) se relaciona com o corpo. O «olhar científico» e afinado com a ideia de que se ve sempre de algum lugar. Sempre se ve sob um certo ponto de vista, o qual e baseado no corpo, na historia e na cultura. O mundo nasce atraves do processo de se ir vendo. E claro que não se ve apenas com os olhos. Como se pode aprender a ver fielmente do ponto de vista do outro, da outra?

O pensamento de Donna Haraway e relevante neste contexto. Ela diz que a visao e sempre uma questao do poder de ver. E que a otica e uma politica de posicionamento. Voce ve de uma certa otica. Não e possivel portanto estabelecer uma posição total, completa. Isto significa que a unica maneira de alcançar uma visao mais abrangente e a partir de se estar num lugar em particular. Deste lugar particular a visao e parcial. E entao do conjunto de conhecimentos parciais, que sao problematicos, contingentes e inacabados, que se pode visualizar uma perspectiva privilegiada de conhecimento.

Na tabela 2 eu apresento a sintese destas ideias, para esclarecer este argumento.

TABELA 2: Síntese de «Conhecimento Situacionado» cf. Donna Haraway

Totalização	Relativismo	Conhecimentos situacionados
Visão singular	«estar em lugar nenhum e assumir que se está igualmente em todo lugar». – «Igualdade»: negação de responsabilidade e de investigação crítica	Parciais
Não-marcada		Localizáveis
Obscurecimento		Críticos
		En-corporados [O corpo e um agente, não um recurso]

Uma visão a partir do corpo e diferente de uma visão a partir de lugar nenhum

O argumento em favor dos conhecimentos situacionados tem sido refinado nos mais de 10 anos em que este vem sendo discutido. Eu estou exemplificando com Donna Haraway porque foi ela quem cunhou esta expressão. Mas o próprio desenvolvimento do pensamento de Haraway se assenta dentro de um movimento mais abrangente de epistemologias feministas. Notem que eu estou usando plurais para me referir a estas concepções. Não há uma visão única. Parece que o consenso prevalecente e que os métodos de se fazer ciência podem ser vários. A questão fundamental em ciência e se a pesquisa é feita conforme critérios abertos e sistemáticos que podem ser inspecionados por outras pessoas. É claro que isto implica em acabar com o androcentrismo, enquanto se faz inquirições sistemáticas.

Concretamente, quais as implicações dos conhecimentos situacionados? Como se faz para trabalhar dentro deste tipo de proposta de conhecimento?

Estórias do cotidiano e maneiras de conhecer

Nos estamos tratando de conhecimentos com localização histórica determinada. Nos estamos assumindo que a situação social de quem conhece apresenta limites sobre o que é possível conhecer. Nos entendemos que as formas de classificar dependem da posição do classificador. A epistemologia feminista argumenta –e existe consenso sobre isto– que a situação social do dominante é mais limitadora para o

conhecimento porque ela não gera as questões críticas sobre crenças recebidas (Harding, 1996).

Vejamos que, por exemplo, Dorothy Smith (1988,1990) argumenta que a experiência das mulheres e o terreno donde se perguntar sobre a vida das mulheres, a vida dos homens e as relações de causalidade entre as vidas das mulheres e dos homens. Por que?

Porque é atribuído às mulheres o trabalho de cuidar dos corpos: dos homens, dos bebês, das crianças, dos idosos, dos doentes, de si mesmas. E lhes é atribuída responsabilidade pelos locais onde estes corpos existem, uma vez que são elas quem limpam e cuidam de suas casas, das casas de outros e dos locais de trabalho. Este tipo de trabalho das mulheres libera os homens dos grupos dominantes para se absorverem em pensamento abstrato. Quanto mais sucesso as mulheres têm neste tipo de trabalho, mais invisível este se torna para os homens. O cuidado dos corpos desaparece na natureza. Este se torna parte da naturalidade do comportamento altruístico, da ligação maternal, do instinto feminino e por aí fora. Mas é preciso definir melhor esta ideia, que implica em várias relações complexas e ambivalentes.

Uma ilustração de tal complexidade encontra-se na questão da maternidade. Quando o «poder natural» da mãe é invocado no cuidado de crianças, ou o «instinto feminino» na compreensão das necessidades dos outros, ou o «trabalho de amor» na provisão de atenção, cuidados e arranjos





domesticos, uma classificacao especifica do ser mulher e enfatizada. Esta classificacao refere-se a uma valorizacao da naturalidade, implicando na adequacao da mulher ao papel de mae, e na nao-adequacao do homem ao papel maternal. A recusa da mulher em assumir o papel daquela que pode consolar um bebe chorando, por exemplo, e a enfase de que *qualquer pessoa* (independente de genero) pode desenvolver e desempenhar o papel maternal adequadamente, implica em perdas, e em ganhos. Ao desafiar a naturalidade dos papeis femininos as mulheres precisam tanto assumir outros papeis quanto deixar outros (homens e outras mulheres) tomarem seus lugares tradicionais (Silva, 1996). Esta pode ser uma mudanca radical.

A invisibilidade das relacoes tradicionais de genero no cotidiano pode se referir exclusivamente a desempenhos de papeis. Mas tais papeis sao reforcados em praticas institucionais e aceitos, ou desafiados, em praticas do dia a dia. Isto pode ser ilustrado com o caso do desenvolvimento de tecnologias do lar. Por exemplo, num estudo que desenvolvi recentemente sobre as tecnologias de cozinha no seculo vinte, eu exploro uma aparente relacao entre construoes ideologicas da mulher como cozinheira e as inovacoes tecnologicas dos fogoes. As mudancas nos papeis de genero da mulher durante o seculo vinte e a insercao do homem (de alguns homens) na cozinha tem sido acompanhadas por inovacoes tecnologicas onde o conhecimento especializado nao e requerido para operacoes cotidianas de cozimento. Em minha opiniao isto nao revela uma desvalorizacao do papel da mulher, mas sim uma readequacao das inovacoes tecnologicas a expectativas de genero. Em verdade, estas tendencias demonstram que certas politicas e certos interesses de genero, que aparecem inscritos nas tecnologias de cozimento, indicam que as mulheres usuarias tem negociado os seus «scripts» de maneira ativa, redesenhando as fronteiras de genero na cozinha, muitas vezes em conflito com estruturas e normas de vida domestica tradicional (Silva, 2000).

Estudos deste tipo, preocupados em revelar as culturas de genero envolvidas nas praticas tecnologicas, politicas e economicas mais abrangentes, tem sido fundamental para o entendimento de exclusoes dos interesses da mulheres.

Da perspectiva dos homens as atividades das mulheres geralmente nao sao vistas como parte da cultura humana e da historia porque o seu carater social e muito invisivel dentro da cultura que vivemos.

Entao, se nos partimos do ponto de vista da vida das mulheres (do conhecimento situacionado), podemos perguntar:

- Porque e que se atribui as mulheres este tipo de atividades?
- Quais sao as consequencias para a economia, o estado, a familia, e o sistema educacional, por exemplo, de se atribuir o trabalho do corpo e o trabalho emocional para um grupo na sociedade, e o trabalho da cabeca para outro grupo? O corpo fica para as mulheres, a cabeca para os homens?

A exploracao destas questoes pode levar a uma compreensao menos distorcida do mundo das mulheres, do mundo dos homens e das relacoes entre os dois. Certamente, ao se explorar estas questoes pode-se atingir uma compreensao melhor do que aquela advinda basicamente do trabalho mental abstrato de gerenciamento e administracao, tipicamente masculino.

Mas, e claro que a situacao *da maioria das mulheres* nao acambarca a situacao *de todas as mulheres*. As vidas de muitas mulheres sao tambem invisiveis para as poucas mulheres que fazem parte do grupo dominante, que tem mulheres cuidando dos seus corpos, dos corpos de seus filhos, e das suas casas, que tem o poder –a vantagem– de ter seu tempo liberado para o trabalho abstrato. No limite, a questao geral e de poder, e de divisao social com exclusao de poder.

E porisso que esta questao e central para a problematica do conhecimento na America Latina. Ela se refere diretamente aos problemas da enorme diferenciação social na regio. Ela tambem aponta para uma proposta de futuro, em direcao a menores e menos graves divisoes sociais. Como dar conta do ponto de vista dos excluidos?

Eu quero concluir retornando a questao dos pontos de vista. Eu quero enfatizar que na realidade existente nos temos pontos de vista diferentes, ainda quando existe mais igualdade social e economica entre nos. Embora nos não vejamos a realidade de uma mesma maneira, todas nos –o nos feminista– compartilhamos um interesse em sermos capazes de viver nossas vidas o melhor que pudermos. Isto implica em vivermos nossas vidas livres de intervenções mal-informadas e com o melhor conhecimento possivel sobre o que tem maior potencial de nos fazer mais saudaveis, mais

produtivas, mais felizes e com maior capacidade de contribuir para o bem comum. E claro que eu acho maravilhoso poder viver num momento histórico de desafio do conhecimento, onde o feminismo cria tantas inquietações e propicia vários novos caminhos para uma vida melhor se tornar possível. Ain-

da quando as vezes eu lamento que as complexidades e tensões que as novas buscas acarretam são perturbadoras, eu sinto-me energizada pelo processo coletivo feminista de desafio aos conhecimentos estabelecidos e com a sustentação da legitimidade de pontos de vista alternativos.



ELIZABETH B. SILVA

CONHECIMENTOS NO COTIDIANO: SITUAÇÕES E ESTÓRIAS

537



NOTAS

- 1 A mesa redonda fez parte da ESOCITE 2000, organizada pelo Departamento de Política Científica e Tecnológica, Universidade de Campinas, Brasil, 23-26 de Outubro de 2000. Agradeço a Eulalia Perez Sedeño e as demais participantes pelo estímulo de ideias e comentários nesta ocasião.
- 2 Desde o início da minha vida profissional em meados da década de 1970, eu tenho me engajado com estes assuntos, inicialmente no Brasil, depois na Inglaterra e nos Estados Unidos, e consistentemente desde 1992 como parte da comunidade acadêmica britânica nas áreas de sociologia e estudos feministas nos campos da tecnologia e da vida doméstica.

REFERENCIAS

- Haraway, Donna (1988) «Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective», *Feminist Studies*, 14 (3): 575-99.
- Harding, Sandra (1996) «Rethinking Standpoint Epistemology: What is "Strong Objectivity"?» in Evelyn Fox Keller and Helen Longino (eds) *Feminism and Science*, Oxford: Oxford University Press.
- Keller, Evelyn Fox (1992) *Secrets of Life, Secrets of Death: Essays on Language, Gender, and Society*, New York: Routledge.
- Latour, Bruno (1994) *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Editora 24 Ltd.
- Oakley, Ann (2000) *Experiments in Knowing. Gender and Method in the Social Sciences*. Cambridge: Polity.
- Silva, Elizabeth B. (1996) «The transformation of mothering» in E.B.Silva (ed.) *Good Enough Mothering? Feminist Perspectives on Lone Motherhood*, London: Routledge.
- Silva, Elizabeth B. (2000) «The cook, the cooker and the gendering of the kitchen», *The Sociological Review*, 48 (4): 612-628.
- Smith, Dorothy (1988) *The Everyday World as Problematic. A feminist sociology*, Milton Keynes: The Open University Press.
- Smith, Dorothy (1990) *The conceptual Practices of Power: a Feminist Sociology of Knowledge*, Toronto: University of Toronto Press.